



| | | | | | | |
|---|-------------------------------------|-------|-------------|---|------------------------|------------|
| Tema: Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto | | | |  | Âmbito: Regional | |
| Título: Empresarialização das Adegas do Douro não recolhe unanimidade | | | | | Temática: Generalista | |
| 2006/04/13 | A VOZ DE TRÁS-OS-MONTES – PRINCIPAL | Pág.1 | Imagem: 1/2 | | Periodicidade: Semanal | Inv.: n.a. |

Empresarialização das Adegas do Douro não recolhe unanimidade

A generalidade dos dirigentes associativos e estatais aprovam o modelo de gestão empresarial para as cooperativas durienses. No entanto, há quem duvide do sucesso do mesmo. **Pág. 3**

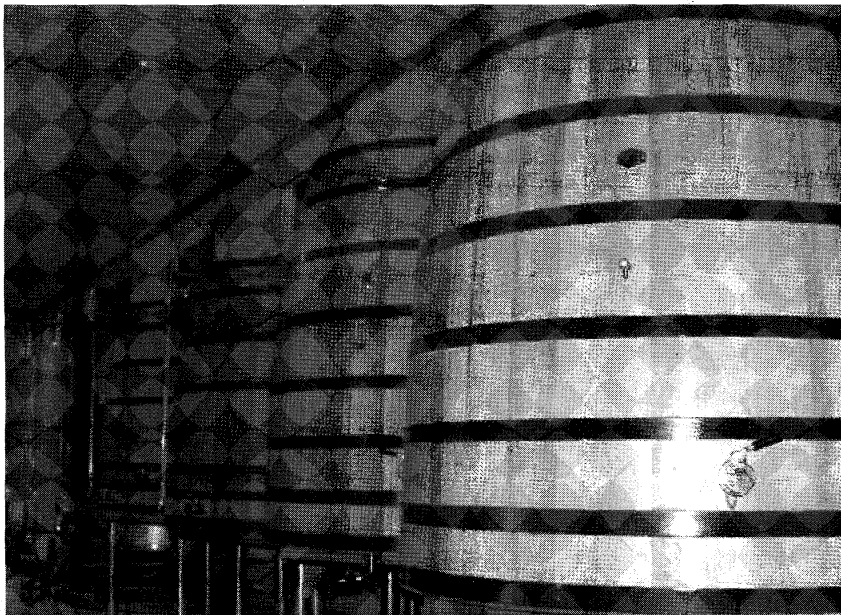
| | | | | | | |
|---|-------------------------------------|-------|-------------|---|------------------------|------------|
| Tema: Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto | | | |  | Âmbito: Regional | |
| Título: Empresarialização das Adegas do Douro não recolhe unanimidade | | | | | Temática: Generalista | |
| 2006/04/13 | A VOZ DE TRÁS-OS-MONTES – PRINCIPAL | Pág.3 | Imagem: 2/2 | | Periodicidade: Semanal | Inv.: n.a. |

SECTOR COOPERATIVO DURIENSE À BEIRA DE UMA VIRAGEM HISTÓRICA

Modelo empresarial pode ser a “tábua de salvação” das Adeegas

JOSÉ MANUEL CARDOSO

As vinte e três Adeegas Cooperativas inseridas na Região Demarcada mais antiga do Mundo poderão estar à beira de uma autêntica revolução, no que concerne aos seus modelos de gestão e sustentabilidade financeira. Atravessando uma das piores crises de sempre e carentes de soluções que lhes permitam ser competitivas, no mercado global do vinho, procuram novos caminhos, para ultrapassar a actual situação.



Uma luz acendeu-se, no “fundo do túnel”, com a adopção de um modelo empresarial que as possa juntar em vários grupos ou, num futuro mais longínquo, numa mega-empresa.

Neste trabalho, ouvimos vários dirigentes cooperativos e associativos, sobre esta matéria, sendo questionado o papel que a Casa do Douro pode desempenhar, neste processo.

As adeegas não podem escapar à diversificação da oferta

Um dos responsáveis que “não embandeira em arco”, com o “novo remédio”, é o Presidente da Adega Cooperativa de Vila Real, Jaime Borges: “Penso que, para o futuro, poderá ser bom, mas, agora, a realidade é outra. Nos últimos anos, os «stocks» têm aumentado e sobrado. As dificuldades financeiras do sector são crescentes e, depois, tem de haver algum equilíbrio, nisto tudo. Há adeegas que, financeiramente, estão melhor do que outras. Neste momento, a Adega de Vila Real não está interessada em alguma fusão ou criação de alguma sociedade empresarial. Isto não quer dizer que a empresarialização das cooperativas não possa ser uma realidade, mais tarde, mas tem de haver muito cuidado e respeitar-se as suas autonomias. Em algumas zonas do Douro, poderá haver alguma identidade entre elas, noutras penso que haverá menos”.

Já o Presidente da Adega Cooperativa de Santa Marta de Penaguião, José Eduardo Lopes, vê com bons olhos esta solução: “Acho que a intenção será boa, para o sector. A economia mudou. Acontecem concentrações de empresas, em vários quadrantes de actividade. A oferta é, cada vez mais, diversificada e as adeegas não podem escapar a isso. É crucial a criação de empresas viáveis. Penso que o Governo também está interessado neste processo. Numa primeira fase, deverão ser criados qua-

tro ou cinco grupos de adeegas e, depois, partir para uma segunda fase, para ser criada, então, uma solução empresarial de maior envergadura, com maior dimensão e que possa criar, principalmente no estrangeiro, uma imagem de qualidade dos nossos vinhos, para ficarmos com uma maior competitividade, nos vários mercados. Julgo que este processo não irá por em causa a autonomia funcional das adeegas. O que é preciso é que alguns dirigentes mudem as suas mentalidades e reparem que o sector não é o mesmo de há vinte ou trinta anos atrás”.

As organizações devem encontrar os modelos adequados

Questionado o Secretário de Estado da Agricultura, Luís Vieira, sobre o papel que a Casa do Douro poderia ter, neste processo, o membro do Governo foi evasivo, mas viu vantagens e deu exemplos no modelo empresarial: “Acho que a Casa do Douro é uma instituição que tem desempenhado um papel importante, na região. Agora, não dou indicações se as organizações se devem juntar com A ou B. Pertence às organizações fazer a avaliação do mercado, cada vez mais exigente. Compete a estas organizações encontrar os modelos mais ajustados e adequados para que, no fundo, se tornem cada vez mais competitivos e consigam sobreviver, para, ao mesmo tempo, também segurar o rendimento dos viticultores. Costumo dizer que esta organização do movimento cooperativo, neste novo modelo, já deu provas no sector leiteiro, em que três organizações cooperativas criaram uma estrutura empresarial que factura setecentos e cinquenta milhões de euros por ano, sendo o segundo grupo da Península Ibérica, suportado por pequenos e médios produtores de leite”.

Manuel António dos Santos, Presi-

dente da Casa do Douro, não quis, ainda, dar a conhecer a sua opinião, sobre esta transformação das adeegas: “Os problemas da Região da Demarcada do Douro são grandes e complexos, afectam milhares de viticultores. Sabemos que os sócios das adeegas cooperativas são, também, nossos associados, e estamos, neste momento, mais concentrados nestas questões. A grandeza do movimento cooperativo, na região, não se pode desvalorizar. Oportunamente, falaremos sobre esta matéria a que, obviamente, estamos atentos”.

Criar uma estrutura comercial, de base cooperativa e com gestão profissionalizada

Pelo seu lado, o Presidente da União das Adeegas Cooperativas da Região Demarcada do Douro, José Manuel Santos, exprimiu a sua posição, sobre esta matéria: “Muito se tem opinado, acerca do futuro das cooperativas, numa região como a do Douro. Aliás, são mesmo acusadas de todos os males que, actualmente, são apontados ao sector do vinho, em geral, a saber: degradação de preços, a apresentação de vinhos sem qualidade, a gestão deficiente, a fraca ambição comercial, entre outros. Naturalmente que discordamos, profundamente, reconhecendo, entretanto, que, face aos novos desafios que hoje se nos apresentam, deverá o sector cooperativo responder, sem dramas e sem vergonha de um passado de mais de 50 anos que resolveu muitos dos problemas sociais dos pequenos e pequenos vitivinicultores. Assim e porque entendemos que é necessário aumentar a competitividade, conquistar novos mercados, melhorar ainda mais a qualidade dos nossos vinhos, para proporcionar melhores condições de vida aos nossos associados, defendemos que o sector deverá, urgentemente, avançar

para a empresarialização, isto é, para a criação de uma estrutura comercial de base cooperativa, com gestão profissionalizada”. Este dirigente argumenta ainda que “este entendimento é partilhado pela grande maioria dos dirigentes cooperativos e tem que ser, rapidamente, estudado por peritos experimentados, tendo a UNIDOURO (União das Cooperativas da Região Demarcada do Douro) agendada uma reunião, com técnicos da UTAD (Departamento de Economia e Gestão), a fim de ser elaborado um Plano Estratégico, para o sector cooperativo”.

A necessidade de intervenção dos poderes públicos

Este plano passa pela elaboração de um diagnóstico exaustivo da situação de cada unidade cooperativa, nos seus mais variados aspectos, nomeadamente a situação comercial, a situação financeira, a estrutura fundiária, entre outros. Para que “as pospostas concretas dos problemas do sector (que representa mais de 50% da produção da Região do Douro) possam ser fundamentadas em dados reais”.

José Manuel Santos entende que “a formatação final do modelo de funcionamento de uma unidade empresarial, competitiva e profissionalizada, irá, necessariamente, contar com uma forte intervenção dos poderes públicos (Governo e Autarquias) fundamentalmente na injeção de capitais, tão necessários para a reconversão dos endividamentos existentes, como, também, para a agilização e funcionamento do negócio”, para concluir:

“Sejamos todos capazes de aproveitar este momento, dando resposta a um desafio que poderá ser a última oportunidade”.